

Stadium



CAMPEÕES DA EUROPA E DO MUNDO DE OQUEI EM PATINS

A valorosa equipa de Portugal, que bateu todas as nações e conquistou os campeonatos da Europa e do Mundo de oquei em patins, com todos os efectivos e suplentes

N.º 234

28 DE MAIO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Lição magnífica de futebol

O grupo nacional, desorientado na defesa e falho de velocidade nada pôde fazer contra os «melhores do Mundo»

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

E' preciso atingir um nível relativamente elevado para os ingleses, até há pouco tão metidos na fórmula do esplêndido isolamento, medirem forças com uma equipa da Europa Continental. A nós, nunca nos tinha sido dada essa honra. Ela chegou, excitadamente, no passado domingo. O jogo máximo, após uma temporada das mais brilhantes do futebol português, podia e devia dar-nos um momento de orgulho, e afinal transformou-se em tristeza. Após o encontro de Dublin, deliberámos apresentar todo o grupo que jogara, sendo possível (apenas uma alteração estava indicada no nosso espírito!), mantendo dest'arte a homogeneidade, quer no ataque quer no plano defensivo, tão claramente evidenciada na capital da Irlanda. A renovação que se apregoava e requeria não estava posta de lado, mas era vista a distância. De resto, à medida que os minutos passam e encaramos mais a frio a cena dolorosa do Vale do Jamor, mais pensamos que o mesmo poderia ter sucedido fosse qual fosse a equipa apresentada. Estava escrito no livro do Destino.

O resultado, é certo, parece indicar que alguma coisa de novo e profundo se poderia haver tentado. O que se fizesse não poderia resultar pior do que o que se verificou no Jamor. Mas uma coisa é ver um desafio antes e outra depois de realizado. O resultado foi anormal, e dizemo-lo com absoluta tranquilidade. Só uma tarde excepcional e um conjunto grave de condições adversas poderiam ter provocado a derroçada dos dez a zero. Basta confrontar, onde há possibilidade de comparação, os resultados obtidos pela Inglaterra e pelo nosso país contra a Irlanda e Suíça, os melhores pontos de referência, para a demonstração e o resultado-excepção saltarem à vista. A página negra que se escreveu representa uma das chamadas anormalidades que o futebol de quando em vez produz na sua falta de lógica, constituindo uma catástrofe a que só não está sujeito quem não joga. Todos os grupos têm o seu dia mau; e se ele aparece quando o adversário é de categoria — tanto pior!

A fama dos ingleses, insensivelmente, exerceu uma certa influência psicológica no espírito dos jogadores portugueses. Nunca de frontámos um *team* nacional, mas, ao jogarmos contra

os homens da Raf, a classe do futebol inglês afirmara-se categoricamente. Havíamos corrido briosamente esse risco, é certo, mas que se iria agora passar?

E logo que D. Lysalie deu início à partida, em menos de meio minuto e em alguns passes de medida e precisão, surgiu a primeira bola inglesa, de efeitos depressivos tão intensos. A desorientação invadiu o campo português, onde a defesa extrema, guarda-redes e *backs*, se entreolhava tocada de pânico. Porventura no espírito dos jogadores portugueses haver-se-á gerado a ideia de que tinham na sua frente fenómenos de super-técnica, com os quais era impossível lutar. Num período relativamente curto, em vinte minutos apenas, os números tinham crescido assustadoramente, e chegara-se à marca desoladora dos 4-0. Posto que sem grandes esperanças, tornava-se necessário, pelo menos, tapar os furos da defesa em busca de melhor entendimento, e mais apurada coordenação de esforços. Estava-se num daqueles momentos em que tudo que se faça representa um recurso benéfico, pois não há possibilidade de fazer pior. Portanto, as modificações só podiam injectar no grupo um pouco de sangue, tapando na medida do possível algumas fraquezas.

Embora sem grandes rasgos, a equipa seguiu a sua vida, atingindo o intervalo com 5-0. Ansiamos pelo fim da primeira parte, na esperança de, no vestiário, poderemos dominar o temperamento e os nervos dos jogadores e abri-lhes o caminho da reacção. Todos viram o que sucedeu no período de começo da segunda parte. Essa parcela de jogo português foi o seu trecho mais brilhante. Com a bola sobre a relva, em combinações precisas, não faltando o auxílio dos médios, os portugueses fizeram tudo quanto estava em suas forças para mudar a face da partida e passaram para a página seguinte. Digamos com inteira verdade que estiveram a pontos de o conseguir. Mais do que uma vez o *goal* esteve à vista, e bastava um pequeno toque para o alto inglês das redes ser batido. Mas esse pequeno toque tardou sempre, pondo-nos os nervos em feixe, sendo a bola arrebatada, ou então verificou-se em seu lugar um grande pontapé para o ar, o mais insensível possível. A sorte do jogo estava decididamente contra nós, e parecia que nada neste Mundo seria capaz de nos salvar... Um ou dois *goals*, que, de resto, chegaram a ver-se, seria

o meio salutar de nos elevarmos e de baixar um pouco o tom inglês... Em vez de isso, sucedeu o contrário. De demora de um dos médios resultou a 6.^a bola inglesa, e a torneira, mais uma vez aberta, começou a pingar, com regularidade e proveito. Tudo voltou à mesma. Insistências territoriais da nossa parte, jogo fácil, elegante e mecanizado dos artistas da Inglaterra. O público abandonou, então, por completo uma equipa que lutava com esforço, embora batida, dominada e em tarde infeliz. Sempre com os lances de sorte contra. Todos os jogadores saíram do campo vergados ao peso de uma derrota, ainda que havendo cumprido conscienciosamente o dever sagrado de lutar. Pela nossa parte, fizemos o pouco que pudemos. Em última análise, diremos haver ganho um *team* infinitamente superior, verdadeiro modelo de futebol, que, além de tudo, foi favorecido pela chamada sorte do jogo, um elemento de que ninguém pode desdenhar e todos querem pelo seu lado. Pois lhe conhecem bem o peso.

Árbitro: De Lasalle (França), conjuvado por Abel Ferreira (Lisboa) e Domingos Miranda (Porto).

Portugal: Azevedo, Cardoso (capitão), Feliciano, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos e Rogério (equipa grená, com as quinças).

Inglaterra: Swift, Scott, Hardwick (capitão), Wright, Franklín, Lowe, Matthews, Mortensen, Lawton, Mannion e Finney (equipa branca com o emblema do seu país).

Às 16 e 30 em ponto entrou na tribuna o Sr. Presidente da República, que tomou o seu lugar, ladeado pelo representante do Sr. Embaixador de Inglaterra e pelos ministros da Educação Nacional, Justiça, Marinha, Negócios Estrangeiros, Obras Públicas, Finanças, Colónias, subsecretário de Estado da Assistência, Director Geral dos Desportos e outras elevadas individualidades.

Na bola de saída, um passe longo a Matthews, deste a Mannion, que, desviado para o lado direito, fez um passe longo em condições de Lawton abrir o activo, aos 28 segundos. Os ingleses insistem e os nossos tentam opor-se-lhes. Há uma avançada portuguesa que se perde em Rogério. Travassos remata fraco. Swift trocou a sua categoria. Aos 6 minutos, após uma combinação entre Franklín e Matthews, Mortensen é servido em boas con-

dições, galga o nosso terreno defensivo, e dispara a contar.

Os portugueses descem ao terreno inglês, mas o seu jogo não tem eficácia na hora da verdade. Peyroteo, Travassos e Rogério combinam, mas a ideia é de superioridade dos contrários. Aos 12 minutos, Lawton recolheu um passe e isolou-se no centro do terreno, batendo com facilidade Azevedo.

Os portugueses desorientam-se, e o desentendimento da defesa é manifesto. Os ingleses jogam com facilidade, e já não necessitando dos golos (a vitória está praticamente construída!) fazem maravilhas. O público começa a mostrar, com assobios e protestos, o seu desapontamento.

A infiltração dos atacantes ingleses dá-se sempre com perigo. Surge, em geral, uma unidade, isolada, sem nenhum adversário português à ilharga, no momento grande. Os nossos médios e defesas não ligam, e os ângulos aparecem abertos.

Aos 21 minutos, o extremo Finney bate Cardoso, em *dribblings* seguidos, e aproximando-se das redes, um pouco de lado, enfia a quarta bola.

Aos 26 minutos, Azevedo é substituído por Capela, e dois minutos depois Vasco entra para o lugar de Cardoso, passando o comando da equipa para Amaro. Aos 30 minutos, Araújo, concluindo uma avançada de bom desenho, manda um tiro que o guarda-redes inglês, em voo, estirado no ar, defende a punhos. Lawton, de seguida, marca um golo anulado por deslocação. Aos 38 minutos, Finney realizou um passo largo para Lawton, o qual de cabeça mareou a quinta bola, batendo a bola no poste e entrando.

Apesar de tudo, o jogo não decorre exclusivamente no campo nacional, e os nossos atacantes fazem algumas descidas. Numa delas, Rogério envia um grande remate que a trave devolve. Logo a seguir, Peyroteo, depois de passar a bola por cima do guarda-redes, não executa o mais fácil por atrapalhação de jogo. Primeira parte: 5 a 0.

Os portugueses entram na segunda parte com a ideia de reacção e de diminuir a margem de *goals*. Com desembarço, aproximam-se das balizas inglesas registando-se intervenção de Vasco, Moreira e Jesus Correia. Marcam-se dois cantos contra o nosso adversário, sem proveito apesar de bem marcados. Segue-se um período de assédio às balizas de Swift. As tentativas dos dianteiros ingleses morrem nos pés dos médios nacionais. Peyroteo, recolhendo uma bola de Travassos, deixa-se dominar pelo guarda-redes numa altura em que todos já julgamos *goal*. Também Travassos, numa das suas características fugas pela esquerda, fez o adversário correr perigo. O remate, porém, tardou sempre ou saiu torto. Numa descida inglesa, Lawton remata rasteiro, defendendo Capela de mergulho. Voltamos ao ataque, corajosamente. Swift lança-se aos pés de Travassos, e Rogério desperdiça uma oportunidade. Esta magnífica reacção não deu frutos.

Pelo contrário, aos 14 minutos,

LISBOA bateu o PORTO

mas causou forte desilusão

Matthews recebe a bola de Franklin, depois deste a haver tirado a Moreira, e bate Ferreira, e mais tarde Feliciano, passando atrás de a Mortensen, que anicha a bola pela sexta vez, sem dificuldades, nas redes portuguesas.

Os portugueses fraquejam sensivelmente em relação ao que estavam fazendo. Há iniciativas de de Amaro e Moreira, registam-se bons passes de Ferreira a Rogério, mas de nada serve tudo isso. Araújo, Jesus Correia, mas principalmente Travassos intervêm sem êxito.

Os ingleses prosseguem, então, no seu domínio, em lances de conjunto magníficos, ao mesmo tempo, de execução individual. Aos 16 minutos Matthews, no seu jeito de esquivar-se para a cabeceira do terreno, livra-se do adversário e dá oportunidade a Lawton de marcar a sétima bola.

Aos 26 minutos, noutra admirável jogada de Matthews, este serve Lawton, que a dá Mortensen, o qual bate com evidente felicidade Capela, e estava feito o oitavo goal.

Os portugueses ainda tentam várias descidas, mas já sem convicção. O público já começou a abandonar o Estádio. A nossa defesa deixa-se penetrar e bater com facilidade. Aos 32 minutos, Mortensen, só ele, arranca de longe, e passando todos os obstáculos, realiza a nona bola. Finalmente, aos 39 minutos, Finney recolhe um lançamento lateral, muito adiantado, passando a bola a Lawton, para este servir Matthews, que, no centro do terreno, fecha a escrita. Ainda tivemos uma oportunidade, próximo do fim, de conquistar o ponto de honra, mas os nossos dianteiros não conseguiram ter a serenidade indispensável para a execução do golpe mortal. O jogo acabou, tendo Portugal sofrido das mãos dos mestres do futebol association a sua maior derrota.

No relembrar do jogo não vemos, certamente, no nosso campo, em toada contínua, os jogadores ingleses. Pelo contrário, temos a impressão do jogo se haver repartido pelos dois terrenos, e não há dúvida que muitas vezes conseguimos invadir a casa do nosso adversário. Isto é uma indicação que, sem significado de maior, nos diz, entretanto, alguma coisa. Fomos corajosos, procurámos fazer o que sabemos, mas não conseguimos realizar por carência de ordem técnica.

Se contássemos também as vezes que os dois guarda-redes entraram em acção e igualmente os remates de um e de outro lado, devíamos concluir alguma coisa de estranho. A verdade é que o nosso defeito capital, e tal pressupõe outros, continua a ser a falta de remate. Não sabemos em frente das redes dispormo-nos de maneira a ter os movimentos livres para a realização, e quando o conseguimos não temos rapidez nem sabemos chutar, perdendo lances sobre lances. Muitas das oportunidades por nós desperdiçadas seriam goals nos pés dos ingleses. Precisamente, não só o domínio de bola mas também a

forma de chutar são pontos fortes no jogo inglês. Trata-se de mestres, na verdadeira acepção de termo, e de mestres profissionais! Eles sabem criar a situação livre em frente das balizas, e transformá-la depois. Os goals não são desperdiçados e o cutelo cai com mão certa. Por certo, a nossa defesa, não ligando devidamente os seus esforços, permitiu que houvesse geralmente um homem, isolado, que despedisse a frio o poderoso remate, forte, veloz, de colocação. Mas que extraordinário remate!

Os ingleses deram-nos magnífica lição, em quase todos os capítulos do futebol, mesmo no que respeita à velocidade e energia. Só podíamos ter oposto à sua superioridade a arma da rapidez e a nossa característica energia. Verdade seja, eles foram ainda os mais rápidos e os mais energéticos. Contudo, é nosso convencimento que, em condições normais, estando a nossa equipa no seu máximo, ainda poderemos ser mais velozes do que eles e isso pode ser um trunfo importante, não aproveitado desta vez. Porque o grupo estava, e já tinhamos essa impressão antes da realização do encontro, nitidamente fatigado. Alguns jogadores careciam de repouso, que, aliás, não lhe foi dado. Noutro aspecto, também nunca conseguimos reunir, por causas estranhas e superiores à nossa vontade, todos os jogadores, numa sessão de treino de conjunto.

Os ingleses mostraram se excepcionais quanto a colocação. Os seus cruzamentos, as suas trocas, o aguardar da bola, o saber para onde ela será jogada pelo companheiro são verdadeiramente notáveis. O adversário tem muita dificuldade em agarrar-se-lhe. Eles livram-se, e, pelas suas desembarcações, aparecem isolados em frente das redes e não perdiam. Julgamos que a sua forma de rematar, de pontapé seco, rápido e colocado, surpreendeu os guarda-redes portugueses. Passagens precisas e metódicas, fintas e driblings não têm segredos para eles. É verdadeiramente a melhor equipa que nos foi dado ver em toda a nossa vida e muito superior, em todos os capítulos (talvez com excepção do *dribling*), aos argentinos que ultimamente passaram por Lisboa.

Mas a nossa defesa, que costuma ser o ponto forte da equipa, fraquejou de maneira pavorosa. Cada unidade como que se desintegrou do plano do conjunto, jogando sem norte, em inteira ineficácia. Os cinco do bloco não cumpriram a sua tarefa, jogando sem interdependência, não ocorrendo às deixas nem sequer tapando os buracos deixados pelas *niagens* dos companheiros. Os portugueses deviam por certo ser batidos, mesmo que conseguissem subordinar-se à fórmula dos cinco cobrindo os cinco, quanto mais lutando sempre com a desvantagem de serem menos do que os adversários! Um exemplo frisante é dado, por exemplo, pelo que se passou no nosso lado esquerdo. Enquanto Ferreira, médio-defesa, lutava com Matthews, que, de resto, o bateu muitas vezes, encontrava-se quase sempre no lugar de meia-ponta ou do centro um inglês, descoberto, e pronto para

O segundo encontro entre as selecções de Lisboa e do Porto, disputado no campo do Ateneu com reduzida assistência (a propagação na imprensa foi quase nula), principiou às onze horas menos cinco minutos e às onze e um quarto estava concluído. Como espectáculo, é demasiado curto, e prova-se assim que fora acertado a medida de fustular livremente a entrada ao público, já que a Direcção Geral dos Desportos e a Câmara Municipal haviam subvencionado a organização do encontro.

Sucedeu ainda que a partida foi de baixo nível técnico, sem o mínima emoção, raríssimas sendo os lances em que houve merecimento para aplausos; a pontuação final de 15-5, 15-5, mais acenadamente se ponderamos que os lisboetas perderam cinco serviços por bola para fora e um outro por errada decisão do árbitro, contra a declaração do juiz de linha, demonstra com nitidez grande diferença de classe. Como o grupo representativo da capital se exhibiu modestamente, não hesitamos em afirmar que a selecção portuense se classificaria nos últimos lugares no campeonato da Divisão de Honra lisboeta.

Dos seus componentes, apenas Serra, do Leixões, teve alguns re-

o golpe mortal. O desastre tinha de dar-se, o resultado não podia ser outro.

Não há motivo para destacar um inglês, ou para se afirmar que este é melhor do que aquele. São todos muito bons, de superior classe, inconfundíveis, de um tipo de jogador que não estamos acostumados a ver. A sua corpolência, isto é, força física, também impressiona; e a sua preparação intensa deve protegê-los contra os esforços e deixá-los chegar ao fim de época em boa forma.

Swift, o guarda-redes, alto e ágil, de serenidade a toda a prova, é um homem de classe, e em geral estes homens são acompanhados de muita sorte.

Scott e Harding, este principalmente, estão sempre na boa posição de jogo e tão depressa despatcham com força uma bola como a passam com precisão de compasso. O seu entendimento com os medulares, jogando Franklin como médio-centro defesa no centro do terreno, é perfeito. Os médios são primorosos de execução, e qualquer dos três à altura da difícil missão. A linha dianteira (consequências da função) deu mais nas vistas, mantendo-se no entanto a harmonia da equipa. Que dizer de um Lawton se não afirmar que nunca vimos jogar tão bem, força aliada à subtileza, golpe de cabeça e pés afinados, lances de celebração, enfim, toda a gama, possível e imaginável, de golpes! De um Mannion, extraordinário de posição, de recursos espantosos! Talvez Mortensen, apesar do seu jogo prático, seja o

males de boa força e colocação. O grupo lisboense jogou tão pouco que não podemos reconhecer-lhe o exacto valor representativo do voleibol regional; porque, se assim não fosse, seria de anular o projectado encontro com Paris por falta de classe para competições internacionais.

Dos oito homens que elinharam nos dois jogos, apenas Sá Vieira se exhibiu à altura dos seus méritos; Arruda está longe do melhor forma e ressenhiu-se de irregularidade dos levantadores, Cohen em manhã pouco feliz (talvez efeito de jogar ao ar livre, estando habituado ao ginásio) e o mais novo dos Buisel sem categoria para tão altas andanças. Será um elemento hábil, mas sem físico para grandes comentários e barrado na fôlange dos voleibolistas lisboenses por numerosos competidores.

Não consideramos feliz a escolha do seleccionador, mas reconhecemos as suas boas intenções; e por certo terá colhido ensinamentos que o habilitem a formar novo grupo para o encontro com os parisienses, levando em conta o valor do adversário e a necessidade de copiar a eles e a eles.

Com mais vejar, voltaremos ao assunto.

José de Eça

menos brilhante. Mas a sua bitola ainda é alta. Os extremos, Matthews e Finney, aquele gostando mais de driblar e de fazer a mesma jogada, sempre com êxito!, este, mais variado e mais fino, são inimitáveis, e, verdadeiramente, famosos e extraordinários elementos!

Não vale a pena fazer referências individuais aos nossos jogadores, que, apesar de estarem mal, fizeram tudo para marcarem alguns goals, que, decerto, mereciam. Os grandes, como Feliciano, ou Peyroteo, ou Rogério, por exemplo, fizeram um trabalho inferior ainda que voluntário. Saliou-se Travassos, de uma fibra excepcional, muito acima da média, de poderosas faculdades, que projectou belos lances. Moreira mereceu também destaque na linha média. Por fim, afirmamos que a arbitragem de Lasalle esteve em paralelo com o jogo português: teve lá de longe em longe uma boa visão, mas foi ordinariamente inferior ao que se deve exigir num desafio desta categoria.

Enfim, fechámos a temporada com uma mancha que ofusca por completo alguma coisa do que se conseguiu à custa de trabalho e de método, vencendo mil e uma contrariedades. É a vida! A quem disser que somos os culpados (de que seremos culpados?), responderemos que a nossa consciência está tranquila, tal a convicção que temos que a escolha dos jogadores portugueses nada tem que ver com a formidável e excepcional classe da Selecção da Inglaterra.

Tavares da Silva



Peyroteo, com toda a sua energia, não consegue bater Swift. O herculeo britânico não era para graças...



Mais um «goals» dos ingleses. Capela limita-se a ver como ela entrou



Eis o estilo clássico, admirável de Mannton, um interior direito de grande categoria. A bola, como uma flecha, vai à baliza!



Hardwick, o fino capitão da equipa britânica, mostra a bola a Dellassale



Procede-se à escolha de campo. Hardwick e Cardoso estão atentos



Eis Tommy Lawton! Como se mete a cabeça e como se emprega o corpo! Lawton, o grande avançado do Chelsea fez no domingo uma demonstração maravilhosa de futebol. Neste «goal» se prova...



Finney domina Capela. O rival de Matthews dá todas as «voltinhas» ao esférico. Outro portento



Swift aplicou os punhos e devolve uma bola alta que Peyroteo persegue



Também nada há a fazer! A bola já passou por Capela e dirige-se para a rede. Moreira, Francisco Ferreira, Amaro e Feliciano rodam um único inglês: — Matthews



As equipas de Lisboa e do Porto em voleibol, que jogaram no domingo o 1.º encontro desta modalidade. Lisboa ganhou por 2-0



Animada fase do encontro Lisboa-Porto em voleibol. Os lisboetas dominam junto das redes

O desporto lusitano está em festa

mercê da conquista do Campeonato do Mundo de quei em patins

A equipa de Portugal ganhou brilhantemente o torneio internacional disputado em Lisboa

contando por triunfos as partidas em que tomou parte

Portugal desportivo — do Minho ao Algarve — vibrou intensamente com a maravilhosa competição que, durante uma semana interminável, se desenrolou no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII. O espectáculo foi grandioso. Empolgante. E chamou ao recinto verdadeiras multidões.

Nunca, como agora, a parte o futebol, um desporto de equipa teve tanto favoritismo do público, e, também, tamanha interesse geral. O quei em patins triunfou em absoluto — conquistando, pela primeira vez, para Portugal, uma preciosíssima vitória: o Campeonato do Mundo de especialidade.

O quei em patins chegou finalmente ao alto da diffeil subida! Glória aos patinadores. Que bem merecem, na verdade, a gratidão de todos nós, desportistas, pelo magnífico triunfo alcançado. Estando o desporto lusitano em festa, cabe aqui endereçar as mais efusivas saudações a essa meia dúzia de atletas — que com tanto garbo quanto entusiasmo e valor souberam honrar Portugal. Parabéns. E não cansem na sua acção de propaganda — agora que criaram novas e muitas responsabilidades. Ficem-se os nomes desses bravos desportistas, heróis da actualidade, que elevaram tão alto, ás culminâncias da glória, o desporto português. A letras de ouro — para que fiquem bem gravadas no álbum da modalidade. São eles Cipriano Santos, Álvaro Lopes, Saldano Serpa, Jesus Correia, Olivéto Serpa e Correia dos Santos. Mas não se olvidem os próprios suplentes — Emídio Pinto e Manuel Soares — que de igual modo, embora sem intervenção directa, pois não chegaram a actuar, compartilharam da grande alegria dos companheiros eleitos ao atingir-se a preciosa meta. Quer dizer: o quei — por intermédio da turma nacional — culminou uma carreira brilhante.

Há precisamente duas décadas que acompanhamos, com entusiasmo e devoção, talvez como ninguém, os passos deste tão belo desporto. E nunca desaremos do seu êxito — quase desde a adolescência... Seus passos, hesitantes a principio e agora firmes, mereceram-nos sempre o maior carinho. Não damos por mal empregado o tempo perdido. E' natural, portanto, a nossa íntima alegria. Coração em festa, cumpre-nos associar, de bom grado, ao êxito agora obtido. Custou a crer nas possibilidades, nas grandes possibilidades, do quei em patins, desporto outrora pobre, embora caro, mas já rico de triunfos? E' certo... Custou! Mas foi... Finalmente! Tinha fatalmente de suceder um dia

aquilo que há tantos anos andamos a apregoar por jornais e revistas da especialidade — e a que os praticantes, no campo activo, corresponderam da melhor maneira. Por isso compreendemos e sentimos perfeitamente a justificada alegria daqueles seis valentes moços, almas dadas ao seu desporto favorito, ao exteriorizarem-na com tanta exuberância quando acabaram de conquistar o campeonato do Mundo. E' que nem sempre é feito um homem chorar...

A grande força do desporto manifestou-se claramente no rink do Palácio das Exposições. Durante uma semana, e, sobretudo, na noite derradeira. Espectáculo inolvidável esse — que nenhuma palavra (só quem a ele assistiu!) podem definir. Lealdade, camaradagem, amizade. E vibração da massa popular — de tal modo que o «retirado» não mais esquece! Campeões do Mundo e portugueses! Que bem sabem estas palavras. E' como nos alegra escrevê-lo, aqui, nesta hora de festa geral, em que os corações dos oquistas se sentem maiores e não cabem em si de contentes... Hoje, como ontem e amanhã, sempre: Bem hajam! Muito obrigado!

Exemplo dignificante, magnífico, a constituir maravilhosa lição: o desportivismo dos britânicos. Os ex-campeões do Mundo, quando acabou a última pugna dos campeonatos, apressaram-se imediatamente a cumprimentar os seus valorosos sucessores! Nem a mais leve sombra de azedume pela derrota. Aquilo foi realmente bonito. Eram as grandes forças do desporto a imperar: lealdade e reconhecimento pelo valor do adversário vitorioso. Mas a vida é mesmo assim: ganha-se hoje para se perder amanhã... E nada é eterno nem insubstituível. Os ingleses, sempre simpáticos, sempre correctos, qualidades essas que aliás nos foi dado apreciar em quantos praticantes do quei estiveram presentes no torneio, cederam em beleza a sua superioridade e os títulos que conservaram desde o primeiro campeonato, desde 1926, há mais de duas décadas, portanto. Não esqueçamos, também, o comportamento do público. Dizem os estrangeiros que o publico português é o melhor do Mundo. Admitindo que assim seja, forçoso se torna reconhecer-lhe tal qualidade, pois vibra talvez mais do que nenhum outro, mas sabe comportar-se cavalheirescamente para com os hóspedes. Que o digam belgas e franceses, até mesmo espanhóis e suíços, os próprios italianos, com quem a multidão se recon-

ciliou na ultima noite. Acabou lado em bem e ficaram todos amigos! Assim é que é — por outra — assim devia ser sempre... Ah! Este publico português! E' simplesmente maravilhoso! Vibra. Exalta-se. A's vezes excede-se... Chora e ri — mas, no fim, está contente! Bate certo. Neste caso, porém, o publico foi carinhoso — exuberante nos incitamentos quando jogavam os oquistas lusitanos — e sempre correcto. Registe-se o facto, por ter constituido admirável tributo para o êxito desportivo alcançado, registe-se e agradeça-se.

A competição num relance. Resultados. Números e nomes

Comecemos, neste breve enunciado, por anotar os resultados gerais dos campeonatos — alguns de tal modo que produziram elterações profundas na classificação final. Foram os seguintes:

Espanha-Suíça.....	2-1
Inglaterra-França..	3-2
Portugal-Bélgica...	7-2
Bélgica-França.....	6-2
Itália-Suíça.....	7-2
Portugal-Espanha..	2-1
Itália-Bélgica.....	4-5
Inglaterra-Suíça.....	5-2
Portugal-França...	7-1
França-Itália.....	1-0
Inglaterra-Espanha.	5-2
Portugal-Suíça.....	5-2
Espanha-França.....	3-2
Bélgica-Inglaterra..	6-0
Portugal-Itália.....	3-2
França-Suíça.....	4-5
Bélgica-Espanha....	1-1
Itália-Inglaterra....	4-3
Bélgica-Suíça.....	6-0
Espanha-Itália.....	4-3
Portugal-Inglaterra	3-0

Do que se refere terem havido marcas... disparatadas — quicá com sua justificação: assim, por exemplo, a primeira derrota dos britânicos (0-6) — «caminho aberto» para os dados que se lhe seguiram; bem como o triunfo italiano sobre os ingleses e as derrotas da Itália diante da Espanha e da França — três resultados pela diferença mínima, quando o, afinal, o empate, em qualquer desses jogos, estaria mais certo, e até a vitória da Itália sobre a França.

A classificação final, por conseguinte, ficou ordenada do modo que segue:

	J.	V.	E.	D.	Goals	P.
Portugal...	6	6	—	—	27-8	12
Bélgica...	6	3	1	2	24-14	7
Espanha...	6	3	1	2	13-14	7
Itália.....	6	3	—	3	20-16	6
Inglaterra..	6	3	—	3	16-19	6
França....	6	2	—	4	12-22	4
Suíça.....	6	—	—	6	10-29	0

122

Resumindo: vitória folgadíssima dos portugueses e desceida vertiginosa dos compões destronados... para o antepeditimo lugar!!! E' curioso registrar que do 2.º ao 5.º apenas vai a diferença de um ponto e de goal-average.

O torneio — que interessou desde a primeira sessão — decorreu normalmente e com regularidade relativa no que respeita ao desfecho dos diferentes jogos. Uns prepararam-se mais, dando melhor rendimento, à medida que a prova se aproximava do seu termo, enquanto outros, talvez por desperdício de energias generosas, acusavam fadiga. No primeiro caso — simples questão de aparato de treino ou de mais fácil assimilação às condições climáticas — podem anotar-se como padrão as equipas da Bélgica (talvez a mais regular de todas nas suas exhibições) e da Espanha; no segundo estão a Itália e a Inglaterra, com sintomas mais acentuados de esgotamento os britânicos, muito provavelmente devido à brusca mudança de temperatura na noite de 21. Portugal não conta! E' um «caso» a parte... A força dos novos campeões do Mundo residia principalmente na sua bellissima condição física — que tado superou: velocidade de jogo, em relação aos adversários, rapidez de reflexos, fantástica nos primos Correias, vigor, entusiasmo, confiança nos seus recursos e um desejo firme de reeditar a magnífica vitória de Montreux em Abril lido.

Para ilustrar ainda a história destes campeonatos — III do Mundo e XIII da Europa — convém arquivar os nomes dos interventores. Das seis equipas — anotados acima os elementos do grupo de Portugal — fizeram parte: Bélgica — Albert De Winter (guarda-redes), René Bogaerts (defesa), Armand Cosseert (médi), Van Hoff e Van Engelen (avanzados), Franz Renard e John De Vos (aportes); Espanha — Pedro Nadal (g. r.), Luis Rabó (def.), Augusto Serra (md.), Jorge Trias e Miguel Mas (av.) e Ramon Bassó (sup.); França — Lucien Imbert (g. r.), Gustave Pycroave (def.), Charles Marchand (md.), Roy Roger e Roger Chantard (av.), Jean Comte e Pierre Rivière (sup.); Inglaterra — Frank Peyton (g. r.), Heward Bedwell (def.), Peter Walters (md.), Ernie Bown e Davis Goodall (av.), Reginald Halme e Bill Newbury (sup.); Itália — Angelo Grassi (g. r.), Luigi Kalmann (def.), Mario Cergol (md.), Lucio Torre e Giovanni Poser (av.), Giovanni Bettini e Luigi Castoldi (sup.); Suíça — Paul Grünig (g. r.), René Gervoz (def.), Henri Martineti (md.), Pierre Monney e Henri Millosson (av.), Karl Zürcher e Marius Mary (sup.). Arbitros: Van Jongbloet (Bélgica), Miguel Morogos (Espanha), Jean Ballavoine (França), Enrico de Filippi (Itália), A. Martins Correia, D. Ramos e Silva e João Melo (Portugal), Al. Kirschmann e Léon Bloch (Suíça).

Nos próximos números comentaremos ainda alguns aspectos do campeonato e, especialmente, os números de patinagem artística.

Jorge Monteiro

Stadium

Conversas simples com os ingleses

No Avenida Pálar, depois do jogo, depois daquela exibição admirável da Inglaterra, efectuou-se o habitual banquete, a que não assistiu nenhum jogador português.

Ficámos sentados junto deles, de frente. Ao nosso lado, o dr. Abrantes Mendes, antigo jogador internacional e actual treinador do Allético, provocou imediatamente a conversa com Hardwick, médio e capitão da equipa inglesa, porte distinto, novo, tipo «Casanova» — como lhe chamava Carter, que ficava à esquerda.

Aproveitámos para apreciar a maneira simples com a qual elemento da equipa inglesa encarava o banquete, o ambiente — tudo quanto os rodeava.

Mais afastados de nós, estavam Tommy Lawton e Swift, o primeiro mais rosado que o segundo, de uma altura extraordinária, hercúleo, mesmo. Depois Scott, olhos inexpressivos, mais gordo que os seus colegas. Os que mais nos impressionavam, e ao dr. Abrantes Mendes também, eram Mannon, Carter, Harding e Mortensen. Autênticos britânicos no comportamento.

Carter, o famoso jogador do Derby County, que no domingo foi suplente, parecia Charlie Chaplin. Dissemos-lhe isso mesmo. Pois acharem graça todos os companheiros e, dentro de momentos, só lhe chamavam... Charlie Chaplin. O famoso Mortensen, o elemento que mais vezes bateu os dois guarda-redes portugueses, é o mais novo de todos. Parece quase infantil, sempre risonho e falador como Hardwick, que começa a ter saudades da família. Mostrou-nos o retrato da esposa, inglesa gentil, da sua filha, o bolãozinho de rosa, e o semblante transforma-se um tanto.

O Interior esquerdo, Mannon, é um loiro arruivado, vermelho de cara, graveza muito larga num colarinho irrepreensivelmente engomado, e fala menos. Ri, ri muito, simples, quase modesto. Depois de Carter de Robinson, outro suplente, está Stanley Matthews. Seco. Como com estilo, autêntico cidadão. É proprietário de um hotel em Blekpool, e, por isso, «sebe estar».

Mesmo em frente de nós, entre Mannon e Mortensen sentou-se Finney, o admirável extremo do Preston. Esguio e jovem, mas parecendo menos jovem que Mortensen, este muito parecido com o português Gomes da Costa.

A certa altura, quisemos saber qual era o melhor equipa inglesa. Logo Carter afirmou:

— O Derby!
Mes Finney, rapidíssimo!
— O Preston!
E Matthews grita do seu lado:
— Era o Stoke City. Agora é o Blekpool:...

E todos riram com a mesma vontade, sem ruído ou pose. Nenhum inglês procura mostrar-se. Nada de vaidades. E aqueles jogadores, qualquer deles, deram-nos uma lição de futebol, do verdadeiro futebol, o melhor que temos visto até hoje. No entanto, olgãos não é com eles. O dr. Abrantes Mendes, e certa altura, disse a Mortensen: — V. é um jogador formidável! Devia ficar em Portugal. ...

Mortensen, verdadeiro galetto, piscou-nos o olho e sorri.

— A Inglaterra tem os seus atrechos...
— E paga bem! — atalhámos.

Os dois guarda-redes portugueses na opinião dos britânicos

Perguntámos a Mortensen opiniões sobre o jogo da tarde. Carter ouviu e disse imediatamente:

— Não se fala em futebol!
Agora sorrimos nós. Um jogador português, se vencesse por 10-0, seria capaz de dizer o mesmo e com a mesma modéstia?

Mortensen, entretanto, fizera um gesto. Passou a mão direita pelos olhos e com a esquerda «falou»:

— Horrível. Qualquer deles.
— Mes em Dublin, por exemplo, Azevedo foi um dos obreiros da nossa vitória.

— Pois sim. Mas Portugal, hoje, foi mal servido pelos dois guarda-redes. Se não fora isso, o resultado não chegava tão longe.

Respirámos. O futebol português teria alguns motivos para sentir que no domingo lhe correram muito mal as coisas...

Insistimos. Agora respondem Finney e Hardington ao mesmo tempo:

— Sim, sim. Os guarda-redes portugueses são muito fracos.

Esclarecemos que foi tudo questão de tarde. Azevedo tem sido um grande jogador, possivelmente o melhor de todos os tempos. E mudou-se de conversa.

— Impressionou-os algum jogador português?

Todos: (Hardwick, Mannon, Carter, Finney e Mortensen — que estavam mais próximos):

— Travessos!
— Defesas!
— Fraquíssimos!

Mes o grupo português não nos deixou mal impressionados. O ataque sabe. Os médios são alguma coisa activos. Com uma defesa mais serena, o grupo subiria muito.

Nesta altura olhamos para Tommy Lawton, — o genial. E para Matthews — o feiticeiro. E para Finney — o rival de Matthews. Para Mortensen e Mannon... O dr. Abrantes Mendes, para nós:

— Compreendo-o. Como poderiam ser marcados estes mestres? Estávamos na altura dos Ilcoras.

Pensámos: — Agora vamos ser derrotados novamente. Há vinho do Porto! Mes não. Um cálice e nada mais. Oferecemos um cigarro a Mannon, outro a Finney e a Mortensen. Não fumam. Apenas Carter recebe um cigarro das mãos do dr. Abrantes Mendes.

Afinal, os britânicos procedem sempre reflectidamente, mesmo depois da vitória. Não recebem lições de disciplina. Eles mesmo a impõem e procuram.

O resultado da Suíça também contribuiu...

Recordamos o resultado do Suíça-Inglaterra. Porque perderam? Perder, com aquela equipa...

Esclarece Hardwick:
— Era impossível, daquela maneira. Os suíços jogaram tão pericada. E nós não sabemos jogar assim. Quando verificámos que os heivéticos estavam dispostos a tudo, — não insistimos. Nós gostamos de jogar duro, mas não do jogo feio. Por isso — ganharam os suíços.

Compreendemos todos. Os britânicos, verdadeiros profissionais de futebol, não gostam de complicações. Na Suíça aconteceu por certo assim e acontecerá sempre contra outros países ou grupos adversários.

Voltámos a perguntar:
— O nosso Estádio?
— Responde agora Finney.
— É admirável.

— E também gostei do vosso público, esclarece Mortensen, o «sen-jan galês» da equipa. Talvez algo rigoroso com a própria equipa portuguesa. Insisto em dizer que faltou ao grupo defesa sólida. Se tal se desse, tudo correria melhor, podem acreditar.

Os dirigentes, nesta altura, trocam saudações. O coronel Sacramento Monteiro ergueu a sua taça por Sua Magestade o Rei Jorge VI. O representante da Embaixada britânica bebeu pelo Sr. Presidente da República Portuguesa.

Logo o team, levantando-se, rápida e correctamente, taça erguida, em voz clara, silabando:

— Presidente da República Portuguesa!

O hercúleo Swift, pouco depois, faz um sinal ao capitão do grupo, Hardwick. «Que saudades a equipa portuguesa». Hardwick fica um tanto embaraçado, porque o grupo português não estava presente. Swift insiste, faz levantar todos os companheiros e é ele mesmo que faz a saudação, e que todos respondem:

O banquete terminou. Aos britânicos foram distribuídas prendas e a medalha comemorativa da tomada aos Mouros. Curiosos, quiseram saber, especialmente Finney, Mortensen e Mannon, o que significam aqueles desenhos esculpidos no metal, mostrando-se muito agradecidos, depois do esclarecimento.

Esta convivência, durante o jantar, com os rapazes da grande equipa inglesa, fizeram-nos conhecer ainda mais, e de perto, todas as suas qualidades desportivas. O segredo dos seus triunfos, afinal.

Se um dia pudéssemos atingir aquela classe!

Tavares da Silva não gostou da defesa nacional

Tavares da Silva, o seleccionador, estava naturalmente aborrecido. Compareceu disciplinadamente, no banquete, e como a sua opinião era necessária à reportagem de todos os jornais, logo se viu rodeado por alguns camaradas.

— O resultado!
— Merecíamos, pelo menos, marcar duas vezes. Isso não aconteceu por falta de sorte dos avançados, que no meu entender fizeram o possível por acertar.
«A nossa defesa, de princípio a fim, não acertou numa jogada. Os britânicos chegaram cedo demais a 4-0, e por isso tudo foi a seguir muito fácil. O desastre tornou-se inevitável, sucedendo destas coisas aos melhores grupos.

«Claro que os britânicos, empregando-se, possuem um grupo de melhor categoria. Verdadeiros mestres. Fosse qual fosse o grupo, em tarde desta ordem, perderia bem. Talvez o futebol português precluisse deste ensinamento.

— As substituições...
— Esperava tudo menos tirar Azevedo das redes. Mas teve de ser.

— Se V. livesse feito alinhar o Bentes...

— Bentes não veio para o Estádio e não desejava jogar, segundo declarou à Federação. Nem que quisesse, o poderia eu fazer, portanto.

O árbitro De Lussalle também ficou surpreendido com a nossa defesa

O francês De Lussalle, que já dirigiu entre nós o jogo «Reps» — Selecção Militar, foi simpático para a nossa equipa. Afirmou-nos que o grupo português foi muito estrondosamente em todos os capítulos defensivos. Faltou-lhes marcação cerrada, elasticidade para acompanhar o ataque britânico, raras vezes acertando na colocação.

— Nem os guarda-redes, nem os homens que estiveram na sua frente cumpriram, e daí o péssimo resultado — disse De Lussalle. — O futebol português vale com certeza muito mais. Vale porque eu já o vi algumas vezes em melhor dia.

— Os ingleses...
— Uma grande equipa. E jogou um desfalco à sua maneira.

— Os melhores?
— Gostei de todos os britânicos. Nós portugueses, apenas Travessos, e algumas vezes Jesus Correia e Areújo. O ataque português, diga-se, foi superior à sua defesa.

A opinião de Mister Rous, secretário da «Football Association»

Mister Stanley Rous é uma pessoa simpática. Não é falador, mas atendeu-nos, sorridente.

— Parece-nos que o grupo britânico impressionou bem. Apenas isso nos interessava. Achava a defesa portuguesa, sem excepções, muito fraca. Gostei do vosso Estádio. O público foi correcto.

Nada mais. Mister Stanley Rous nada mais quis dizer. Voltámos para o nosso posto, onde já era notável a nossa convivência com os simpáticos jogadores britânicos. Não desejavam falar muito de futebol, mas lá se iam encaminhando as coisas. O dr. Abrantes Mendes ajudava. E ora Matthews, ora Finney, Mannon, Hardwick, Carter ou Mortensen, todos juntos de nós, iam falando o mais simplesmente que poderíamos imaginar-se.

Ainda falámos a Finney na sua rivalidade com Matthews. Só nos disse, perante o sorriso agalitado de Mortensen, que lhe ficava à direita:

— Matthews é inimitável...
— E Tommy Lawton?
— Também.

— E você, Finney?
— Eu — o pior de todos!

Rimos com vontade. Os seus companheiros também. O caso não era para menos, sem dúvida alguma.

O bom humor de Bernard Shaw tem imitadores...

Rodrigues Teles



Desta vez, Feliciano conseguiu desarmar Tommy Lawton. Moreira segue a jogada do seu companheiro



Em cima e no meio: as equipes da Inglaterra e de Portugal que jogaram pela primeira vez

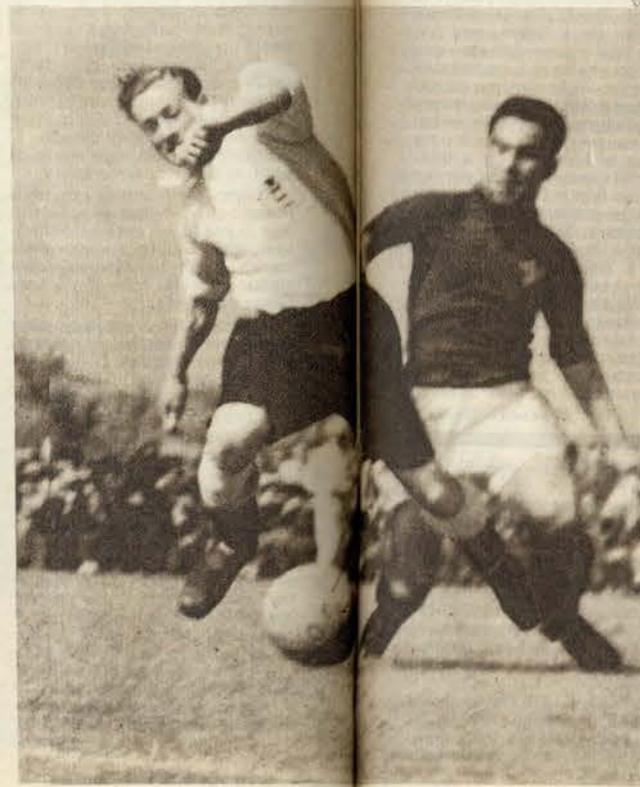


Peyroteo pretende impor-se a Franklin, depois de passar Hardwick. Swift defenderá sem perigo, porque Araujo, mais distante, não chegará a tempo

Uma grande exibição dos MESTRES ingleses



Lawton está na frente de Capela. A sua famosa cabeça mete respeito a todos os guarda-redes e o português também o sentiu assim...



Cardoso e Finney lutam pela bola. O inglês ganha



O guarda-rede inglês também defendeu alguma coisa, e sempre com classe. Peyroteo aperta-o. Star-dwick, Franklin, Scott e Wright estavam na perseguição



Uma das bolas britânicas, sofridas por Capela. O marcador foi Lawton, lançado junto de Feliciano

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

As derrotas da Inglaterra...

A supremacia britânica, tão apregoada e erguida a um ponto inacessível depois da retumbante derrota do Resto da Europa, sofreu um enorme deslize em Zurique e em Antuérpia. No primeiro desafio, os ingleses manobram com grande perícia durante os quinze minutos iniciais. Depois, os helvéticos atacaram velozmente, marcando com rigor os célebres Lawton e Matthews. Como os interiores ingleses, Carter e Mannion, revelaram falta de remate, a defesa continental aguentou bem as investidas dos avançados britânicos.

Considerando, muito embora, que o resultado do desafio devesse ser 1-1, por decisão infeliz do árbitro anulando um «goal» de Lawton francamente regular, o certo é que a tática, a maior rapidez e a ligação dos jogadores suíços justificam a vitória por 1-0.

O único tento foi marcado por Fattou.

O segundo desafio, entre a Escócia e a Bélgica, terminou com a vitória dos belgas por 2-1.

Os escoceses fizeram primores técnicos, mas exageraram a quantidade de fintas. Como na Suíça, os insulares actuaram com menos rapidez, acabando a primeira parte com 1-0 a favor dos continentais.

Na 2.ª parte, os dois grupos marcaram um tento. Primeiramente, a Escócia igualou a pontuação e em seguida a Bélgica conquistou o resultado final.

Decididamente, os britânicos têm que rever os tratados do seu futebol...

O Campeonato da Liga Inglesa

O Campeonato das Divisões da Liga Inglesa possuiu normalmente, apesar da equipa nacional se haver deslocado até ao Continente.

Quatro clubes se encontram em posição de terminar à cabeça da 1.ª Divisão: o Wolves, o Stoke City, o Liverpool e Manchester United. Com o empate registado pelo primeiro em frente do Blackburn, reduziram-se as probabilidades de vitória, que ora pendem mais para o Manchester United.

O Stoke empatou com Sunderland (0-0) e outro tanto aconteceu ao Liverpool com o Brentford (1-1). Estes dois favoritos podem aspirar ao primeiro posto se vencerem os dois desafios que lhes faltam.

Na 2.ª Divisão, o Manchester United é virtualmente o primeiro classificado, mas o segundo posto, e com ele a passagem à 1.ª Divisão, tanto pode caber ao Birmingham City como ao Burnley.

NOTA DA SEMANA

E' um costume que vem de longe louvar os tempos de outrora e denegrir o presente. Tornou-se mesmo um hábito humano, sendo raras as pessoas que julgam os dias de hoje melhores e não encontram nos factos passados aquela fonte de exemplo a que alude o poeta.

No desporto nasceu essa lenda, também. Topa-se, a cada passo, referência dos feitos incomparáveis de este ou aquele campeão, cujas façanhas os herdeiros jamais podem igualar ou imitar. Assim, os David Jack e Alec James, do futebol, perduram na lembrança dos que os admiraram, como amanhã, por certo, os Matthews e Tommy Lawton hão-de ocupar a imaginação dos presentes.

O problema de averiguar a supremacia dos atletas passados, sobre os actuais e os do futuro, continuará sempre insolúvel. As diferentes circunstâncias, os meios e a própria oposição são constantemente variáveis e diversas, tornando a comparação impossível.

No entanto, há um caso recente que abala as pretensões dos «anãos» a favor do juízo dos «velhos». Jean Borotra, o excepcional tenista francês, que desde 1925 a 1930 brilhou como astro mundial de primeira grandeza, hoje, com 49 anos, vai ser escolhido para representar a França na Taça Davis, que é o campeonato universal de maior relevo.

Isto abona estupendamente a doutrina de que muitos jovens não chegam à crendice dos antigos, nem mesmo quando estes estão no ocaso real da sua existência desportiva.

TÊNIS

A Taça Davis

Terminou a segunda eliminação desta famosa competição ténistica de importância mundial.

A França derrotou a Índia por 5 vitórias a 0, brilhando grandemente os jogadores Bernard e Destremeu nos singulares. Petra, ainda docente, não figurou na equipa.

Em Varsóvia, a Inglaterra venceu a Polónia por 3 a 2, com alguma dificuldade. A África do Sul ganhou à Holanda por 4 a 1 e os irlandeses perderam com os sudetas por 3 a zero, igual resultado fazendo o Egipto com a Bélgica.

Os checoslovacos dominaram os suíços por 4-1 e a Nova Zelândia eliminou a Noruega por 3 a 2.

CICLISMO

A 8.ª Volta à Espanha

Depois da 6.ª etapa, entre Terragona e Barcelona, a posição de Delio Rodriguez, triunfador da tirada antecedente, firmou-se melhor no primeiro posto, com 33 horas, 50 minutos e 16 segundos.

Imediatamente a seguir vem o belga Van Dyck, com mais 2 m. e 17 s., e, na cola deste, seguem: Emilio Rodriguez e Berrendero.

A Volta à Bélgica

A luta entre Rogiers e Van Herzele, que ainda se mantinha indecisa a meio da última etapa, acabou por pertencer ao segundo nomeado. Rogiers teve um furo sério e acabou em 25.º lugar na linha de chegada, recuando para o 3.º posto na classificação geral.

Van Herzele venceu a Volta em 33 horas 1 minuto e 18 segundos.

NATAÇÃO

Novo recorde de Ana Curtis...

A famosa nadadora de S. Francisco da Califórnia, Ana Curtis, melhorou o tempo mínimo da corrida náutica de 440 jardas (estilo livre), percorrendo a distância em 5 minutos 7,9 segundos.

O recorde anterior era de 5 minutos 11,5 segundos.

... e outro de três holandesas

Em Amesterdão, as nadadoras holandesas Koster Van Fegglen (costas), Nel Van Vliet (bruços) e Hannie Termenlen (livre) estabeleceram um novo mínimo mundial na prova de 300 metros-estilos, gastando

BASQUETEBOL

O BENFICA ganhou o Campeonato Nacional

No último sábado, termina mais um Campeonato Nacional — o quarto que se disputa pelo sistema actual. Foi seu vencedor indiscutível o Sport Lisboa e Benfica, que, igualmente, triunfara na competição do ano transacto. O «cinco» dos «encarnados» mereceu, sem dúvida, mais este título, porque, da primeira à última jornada, demonstrou possuir o conjunto mais sólido e equilibrado de quantos entraram na prova.

A seguir, classificou-se o Sporting Clube Vasco da Gama, com igual número de pontos, mas pior «goal-average» parcial.

Os campeões de Lisboa e Porto ficaram separados dos 3.ºs classificados — Clube F. «Os Belenenses» e Olivais F. Clube — por 8 pontos, diferença que marca bem o desnível existente entre estes dois pares de equipas. Para ditimo lugar, e sem ter alcançado uma só vitória, ficou o Atlético C. de Portugal — um clube que tem tradições no basquetebol, mas que atravessa uma aguda crise, que desejamos ver debelada, para bem da modalidade.

Nos jogos que encerraram o Campeonato Nacional de 1947, saíram vencedores o Vasco da Gama — em Lisboa, contra os Belenenses — e o Benfica — em Coimbra, tendo como adversário o Olivais.

Os vascaínos chegaram a 10-0, com demasiada facilidade e, até ao intervalo, ainda conseguiram aumentar a sua vantagem; fazendo, sucessivamente, 14-2, 17-4, 20-7 e, à beira do descanso, 21-10. No 2.º tempo, o Belenenses deu melhor luta e a sua defesa — que muito lucrara com a entrada de Natividade — não proporcionou tão grande liberdade aos avançados portuenses. Mesmo assim, e em consequência das saídas de Cruz e Luis Neves, a diferença foi aumentando, porque os «nauis» iam sofrendo «cestos» absolutamente normais, mas não marcavam... Só com o regresso ao campo dos dois jogadores citados, o Belenenses ceitou um desaire que parecia inevitável.

Em Coimbra, o Benfica obteve um resultado bastante melhor do que, certamente, ambicionava. De facto, vencer o Olivais, na sua terra, por uma vantagem de 18 pontos, é proeza notável.

Monteiro Poças

na tentativa 3 minutos 42,4 segundos.

O recorde precedente estava em 3 minutos 46,3 segundos.

... e ainda mais dois

Em Hilversum, as três nadadoras acima referidas bateram outro recorde, o dos 300 metros-estafetas, no tempo de 3 minutos, 19 segundos e 6 décimos.

Na mesma data, a «ondina» Nel Van Vliet percorreu 100 jardas (bruços) em 1 minuto 9,2 segundos, o que constitui novo recorde internacional.

Notas à margem

do jogo do Estádio Nacional

Lisboa acordou a pensar no Portugal-Inglaterra. Há mais de uma semana que não pensava noutra coisa... A porta da Federação todos os dias se formavam «bichas» para adquirir bilhetes. E em todos os pontos de reunião o estribilho era este:

—Tens por aí uma «cabeceira»? Não, não tinha. Mas o Estádio Nacional encheu-se. Como nunca. A deitar por fora. Não ficou um lugar vago e nas chamadas circulação superior e inferior havia ainda milhares de pessoas.

Manhã cedo, a população da cidade começou a deslocar-se para a Cruz Quebrada. Famílias inteiras, com os seus farnéis, lá iam, todos alegres e prazenteiros—para ver os «mestres» da Inglaterra e os portugueses valentes...

Na marginal e na auto-estrada viam-se filas intermináveis de automóveis, que não couberam nos parques de estacionamento—que não de ser cada vez mais pequenos...

Viam-se os carros modernos, de luxo, de estranha configuração. E as velhas «chocolateiras», as «D. Elviras», chiando e rangendo...

O Estádio começou a encher-se muito cedo ainda. Quando lá chegámos, com uma hora de antecedência, já havia poucos lugares disponíveis. E pela bocarra da Praça da Marstona entrava constantemente mais gente, às golfadas, num afluxo permanente.

O sol escaldava. Estava, diziam-nos o Alves dos Santos, nosso camarada de imprensa, «um calor de assar bifes»...

À hora de principiar a partida o aspecto do Estádio era imponente.

A volta do rectângulo, bem tratado, aglomeravam-se mais de sessenta mil pessoas. Um mar de gente, cheia de ansiedade, aguardando com curiosidade a entrada dos jogadores e o começo do encontro.

Milhares de espectadores cobriam as cabeças com capacetes multicores. O efeito era, na verdade, curioso. Todo o vasto recinto era uma mancha polifera...

O sol mantinha-se vivo e brilhante. Sofocava-se. E só uma leve aragem se fazia sentir, agitando as bandeiras dos dois países, erguidas no alto do mastro de honra, confundidas num abraço amigo, fraternal, símbolo eloquente de uma aliança multi-secular.

Junto à saída das cabanas começava a haver movimento, prenúncio de que se aproximavam as duas equipas. Os fotógrafos assstavam as máquinas, prontos a disparar.

Entretanto, chegou o Sr. Presidente da República, que o público recebeu com simpatia, aplaudindo demoradamente o Chefe do Estado, que se fazia acompanhar de altas individualidades civis e militares.

E as equipas deram entrada no terreno. À frente, como é do protocolo, a inglesa—camisola branca e calção preto. Os jogadores surgiram a passo e a passo continuaram—que é assim que se poupam energias...

Fortes, vigorosos, simples e despreocupados, os ingleses deixaram logo a melhor impressão. Sentia-se que estava ali uma grande equipa—e grandes jogadores. Alguns grandes em todos os sentidos—como Swift e Lawton...

Os seus nomes eram apontados pelo público e o eco da admiração que a assistência manifestava chegava até nós, envolto num halo de confiança...

Apareceu logo a seguir a equipa portuguesa, com a berrante camisola grená e calção azul.

Entrou a correr e logo o confronto ficou feito... Efectivamente, a maneira como cada selecção surgiu no terreno dava, desde logo, uma indicação. Dois grupos, dois temperamentos, duas concepções diferentes...

Aplausos vibrantes acolheram a equipa de Portugal.

E as palmas repetiram-se quando se ouviram os acordes marciais da «Portuguesa» e os compassos lentos do «God Save the King»...

Já na bancada da imprensa e da rádio ia grande záfama. Jornalistas portugueses e espanhóis, franceses e ingleses, ali se encontravam reunidos. Naquele recinto verdadeiramente internacional havia, mais que em nenhum outro lado, curiosidade e expectativa.

A Espanha enviou-nos Escartin, Melcon e Teus. Da Inglaterra vieram vários jornalistas, loiros todos, um deles de farta bigodeira, todos pendurados em enormes charutos e transportando com eles máquinas de escrever—e garrafas de cerveja... Um deles era o famoso Ivan Sharpe, mestre da crítica, conhecedor profundo do jogo—e de vinte e sete países...

O futebol já não é um desporto só para os homens verem. E um desporto de que a mulher também gosta—principalmente quando os desafios se disputam no Estádio Nacional...

No domingo viam-se muitas senhoras a assistir ao jogo. Inglesas, que bem se conheciam que o eram ao primeiro golpe de vista, e esbeltas e lindas portuguesas, algumas envergando já leves vestidos de Verão—que lhes dão mais beleza e mais encanto...

Começou o jogo. Decepção. Derrota inevitável, profunda, de fazer doer.

Os portugueses inferiorizaram-se, não foram, certamente, os «mesmos» que venceram a Espanha e a Irlanda. Eram outros, de-eididamente...

Manuel Mota

Os Campeonatos do Mundo DE ESGRIMA

começam amanhã a disputar-se no Pavilhão dos Desportos

Os Campeonatos do Mundo de esgrima, que amanhã se iniciam no Pavilhão dos Desportos, vão constituir mais uma grandiosa manifestação do desporto internacional por intermédio de uma modalidade de nobres tradições. Os melhores esgrimistas do Mundo deslocam-se a Portugal para tomar parte nesta organização, de que foi incumbida a Federação Portuguesa quando do Congresso da Federação Internacional de Esgrima, efectuado em Bruxelas.

Vários países da Europa e o Egipto estarão representados neste grande torneio, onde avulta a curiosidade de se disputarem os campeonatos femininos. Portugal, que na modalidade tem obtido belos triunfos, concorre com um grupo de esgrimistas constituído à base de gente nova, que, em

que nos visitem alguns são de grande categoria na esgrima mundial, como o italiano Ragno e o francês Pecheux.

Algumas palavras do sr. Mário de Noronha, presidente da Federação de Esgrima

O sr. Mário de Noronha, presidente da Federação Portuguesa de Esgrima, é uma figura prestigiosa de desportista.

Antigo atirador de espada, foi várias vezes campeão de Portugal e é detentor do maior número de primeiros prémios e taças.

A propósito dos Campeonatos do Mundo, o sr. Mário de Noronha disse-nos:

— Nada mais agradável e consolador para mim do que fechar a minha carreira de dirigente desportivo com um Campeonato do Mundo.

A projecção destes Campeonatos do Mundo teve tal extensão, que me dispensei de o classificar. A base da boa colaboração e de entendimento perfeito entre mestres e atiradores, foi possível organizar as equipas de florete, espada e sabre que se vão bater pelos nossos cores.

Não temos veleidades de conseguirmos o título máximo; afaste-nos desse objectivo estarmos sem contacto internacional há cerca de 11 anos. Durante esse tempo outros vieram, outros se fizeram e sucede assim que não temos internacionais olímpicos e não ser em espada. São eles Henrique da Silveira e dr. Rui Mayer. É neste situação que estão colocados os nossos novos esgrimistas. Saberão eles honrar a actividade gloriosa dos seus antecessores? É o que vamos ver dentro de horas!

Portugal vai entrar em mais uma competição de desporto internacional. A esgrima portuguesa pode não obter o título grandioso deste campeonato, mas os seus representantes mais uma vez honrarão dignamente as tradições do nobre desporto das armas.

F. S.



Mário de Noronha

conjunto com os novos consagrados, irá certamente afirmar-se equipa de incontestáveis méritos. É o nosso primeiro contacto internacional em florete e sabre. Em espada, apresentamos nomes como Henrique da Silveira, dr. Rui Mayer, dr. Jorge Oom e Alvaro Pinto, um esgrimista de valor que chegou a ser seleccionado para os Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, aos quais a esgrima portuguesa não chegou a concorrer.

Ao lado destes atiradores de indiscutível mérito, as equipas portuguesas contarão com alguns dos melhores velozes esgrimistas das três armas, entre os quais José Figueiredo, jovem floretista da Mocidade Portuguesa, que conta sómente 18 anos e que deve ser o mais novo atirador de entre todos os que concorrem aos Campeonatos do Mundo, pois que o mais jovem atirador que vem a Portugal é o floretista francês D'Orliot, de 19 anos.

Aos campeonatos femininos concorrem equipas de diversas nações e entre os esgrimistas estrangeiros

Ano V — II Série — N.º 234
Lisboa, 28 de Maio de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa, Cidadão João Gonçalves, 15, -3.
Telefone, 45993 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

REGISTRADA EM LISBOA
SILVAS, LIMITADA

O 36.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa



Ceteira Barreto, no «Razo», passa um obstáculo com precisão



O Marquês do Funchal, com o «Ebro», não tem dificuldades...



Garcia Cruz na «Palomera» numa correcta demonstração



Uedes de Campos, no «Bajones», pica o animal na melhor altura



José Beltrão salta no «Squalus» e passa a triplice vara

tranqueiros sem «handicap», serviram de eliminatórias para a parte final do certame, evitando-se deste modo que às provas internacionais concorressem montadas de fraca categoria. Foi uma ideia feliz, das muitas que se devem à brilhante organização do Concurso e às quais nos referimos em detalhe oportunamente. As provas prolongar-se-iam demasiado sem interesse para os cavaleiros, que andariam longe dos prémios a disputar, e sem agrado do público, que acabava por se aborrecer com o elevadíssimo número de cavalos inseridos.

Nos três dias de provas nacionais que, diga-se de passagem, registaram a afluência de muita gente e provocaram interesse pelas classificações, há que salientar, entre outros êxitos, o do capitão Miranda Dias que com «Brioso III» ganhou magnificamente o «Grande Prémio Nacional», confirmando mais uma vez tudo quanto temos dito a seu respeito. É um «conjunto» que se impõe e com o qual há sempre que contar. O cavalo tem qualidades e o cavaleiro, conhecedor e hábil, sabe bem aproveitá-las.

Mencionem-se também as boas actuações de Mena e Silva no «Orgil», vencedor da «Inauguração»; de Joaquim Leote no «Ourique», triunfador da prova «Federação Equestre»; de Rangel de Almeida no «Cereza», 1.º classificado na prova «S. Jorge» e de Rodrigues de Carvalho no «Atlântico», ganhador da prova «Sociedade Hípica».

A parte internacional iniciou-se no sábado com a clássica «Omnium». Constituíam-na 12 obstáculos à altura máxima de 1,30, bem colocados sobre o terreno, num percurso difícil no entanto.

Portugueses e espanhóis lutaram para a posse dos primeiros lugares com entusiasmo e até com certo nervosismo. Talvez por isso mesmo nem todos os percursos corresponderam aquilo que se esperava.

Como já o haviam conseguido nos dois anos anteriores a vitória coube aos espanhóis, desta vez, por intermédio do comandante Gavillan no «Batato», que conseguiu o mais rápido dos percursos «limpos» se bem que com certa parcela de sorte. Deu vários toques, mas sem consequências. Em contra partida o tenente Calado foi extraordinariamente infeliz com o «Refused». Viu o seu percurso, brilhantíssimo, inutilizado por um derrube na vara da banqueta que lhe roubou o ambicionado 1.º lugar, outro tanto acontecendo ao comandante Nogueira que sobre «Ranchero» perdeu a prova numa recusa, depois de magnífica actuação, o que o atirou para o 5.º posto.

«Kaó», um irlandês que promete ir longe, classificou-se em 2.º lugar, sem faltas, conduzido admiravelmente pelo alferes Pereira de Almeida; «Abanão» colocou-se bem no 3.º posto montado pelo capitão Vasco Cordeiro e «Selecto» no 4.º lugar, conduzido pelo tenente Joaquim Barreto, ambos sem faltas e bem conduzidos.

Da equipa espanhola há que salientar ainda a boa actuação do comandante Garcia Cruz que veio pela primeira vez a Portugal e que brilhou na conhecida e valorosa «Palmera» (6.º) e na «Bengali» (11.º), que se afirma ter extraordinária categoria.

No domingo disputaram-se duas provas qualquer delas de grande interesse — a «Caça» e «Turf Club».

Na primeira, na qual as faltas eram transformadas em tempo (tabela C da Federação Internacional), os obstáculos eram 14 à altura máxima de 1,30 mas os saltos eram 26... Isto diz tudo quanto à dureza da prova e quanto à sua dificuldade.

Notável portanto a vitória do major



O major Helder Martins, um dos mais famosos cavaleiros internacionais portugueses, que venceu as duas provas do segundo dia

Helder Martins, no «Optus», arrancada à custa de incalculáveis cuidados e pouso em evidência, os seus méritos de concursista exímio.

O comandante Garcia Cruz foi brilhante a conduzir o «Blason», classificado em 2.º lugar, mas devem também indicar-se como boas as provas de Pascoal Rodrigues no «Desejado», de Freire de Andrade no «Tarass» e dos internacionais José Carvalhosa e Henrique Calado, respectivamente no «Zuari» e na «Gasa».

Os espanhóis além do 2.º lugar conseguiram ainda o 9.º por intermédio do comandante Gavillan, vencedor na véspera, e que conduziu o «Batato» com indiscutível correcção.

Na «Turf-Club», com uma taça a atribuir ao cavaleiro que ganhar a prova duas vezes seguidas ou três alternadas, havia 12 obstáculos à altura máxima de 1,40, mas os saltos eram praticamente 23, o que equivale a dizer que surgiu nova dificuldade.

Quando a bandeira espanhola desceu do mastro de honra onde havia sido colocada devido a uma prova de «Satrico» montado pelo tenente-coronel Dominguez, e subiu a nossa, graças a outro magnífico percurso do major Helder Martins, agora no «Xerez», o público deu largas ao seu entusiasmo.

A prova estava ganha e de que maneira!

Quando se obtém assim dois triunfos no mesmo dia, com animais de características diferentes, e montando como Helder Martins o fez, dispensam-se todos os comentários. Só os grandes concursistas o conseguem.

«Squalus» que o capitão José Beltrão montou arrancou com brilho o 3.º prémio e os espanhóis classificaram ainda «Lequeito», «Foragido» e «Palomera».

A. T.

O CONCURSO PROSEGUE

Amanhã disputar-se-á a «Taça de Ouro da Península» — o Portugal-Espanha do hipismo — e ainda a prova de «Regularidade». No sábado terão lugar as provas «Diana» e «Grande Prémio» e no domingo «Juventude» e «Taça de Honra».

Em todos os dias funcionará a aposta mútua, outro curioso atractivo do Concurso deste ano.

ESTÁ a disputar-se, no Jockey Club, o 36.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa — a mais importante competição do hipismo português — a que este ano concorre também uma fortíssima equipa espanhola chefiada pelo tenente coronel Garcia Ciudad e constituída pelos comandantes Domínguez, Nogueira, Garcia Cruz e Gavillan.

Portugueses e espanhóis batem-se mais uma vez nesta modalidade desportiva, em que têm tradições a defender, e fazem-no perante um público selecto e numeroso que não esconde o seu interesse e lhes manifesta o seu entusiasmo.

As provas que precederam as internacionais que começaram no sábado, e que se destinavam a cavalos nacionais e a es-

OS PORTUGUESES CAMPEÕES do MUNDO



Olivério Serpa, capitão da equipa nacional de hóquei em patins, recebendo das mãos do sr. Director Geral dos Desportos, a Taça Stadium, atribuída à equipa que marcou maior número de «goals»



A equipa seleccionada pelos técnicos para enfrentar os portugueses, campeões do Mundo



Uma fase do jogo Portugal-Inglaterra. A bola está junto de Cipriano e de Correia dos Santos



O sr. capitão Carvalho Nunes, em nome do Chefe do Estado, condecorou a bandeira da Federação de Patinagem



De cima para baixo, a partir da segunda gravura: O sr. coronel Sacramento Monteiro na altura em que entregou a Taça Stadium a Olivério, já atarefado com elas... A seguir, Cipriano defende-se de um ataque de Goddall, os «teams» de Portugal-Inglaterra, juntos, e uma fase do encontro Selecção-Portugal, junto das balizas de Nadal. Ao fundo, à direita, o sr. Director Geral dos Desportos ajuda Olivério; e a seguir, à esquerda, os dois primos Correlas, duas figuras da melhor classe



Comentarios

Jornalismo

à moda de "Marca"

Já por diversas vezes temos comentado a maneira extraordinária como os correspondentes e enviados do diário madrilenho «Marca» interpretam o sentido das competições luso-espanholas, ou apreciam em referências de mal com a verdade os acontecimentos da vida desportiva portuguesa.

O patriotismo, o nacionalismo são sentimentos muito nobres, mas que têm seu lugar próprio e nunca justificam atropelos da verdade que, em vez de valorizarem uma ideia, parecem simplesmente ridículos.

Em desporto, felizmente, a derrota não significa desprimor, antes pelo contrário, dignifica por vezes aqueles que a aceitam como um simples acidente, em nada inferindo no brío ou no prestígio do país. O campeonato do mundo de hoje em patins, disputado em Lisboa durante a semana passada, deu nos cons-

taes exemplos deste desportivismo, pois todas as equipas, sem excepção, depois de haverem lutado com vontade firme e decisão, souberam perder com apuro, abraçar, com o sorriso do dever cumprido, os adversários vitoriosos.

Nestas circunstâncias não se compreende o recurso à invenção de explicações brigando com a verdade para justificar derrota honrosíssima e acinte com belo espírito desportivo pelos jogadores em campo.

Ora no seu número de 19 de Maio, o enviado especial de «Marca», Paulino de sua graça, descobriu que «a desastrosa acção do árbitro roubou à Espanha uma merecida vitória sobre Portugal».

Apenas isto, em título rotundo na primeira página do jornal. Verifica-se assim que «Marca», além de pretender ser um órgão desportivo é, também, um periódico humorista. Humorista, mas de muito mau gosto, porque os discaltes do seu redactor só podem atingir o conceito da opinião pública em relação ao próprio jornal.

Nós, os portugueses, já lhe conhecemos os processos; e, temos a certeza, em Espanha também.

O momento

e as suas causas

Não é preciso ser-se optimista para reconhecer que o desporto português atravessa, de momento, uma época áurea.

Em curto espaço de tempo aertámos no activo nacional o êxito significativo dos futebolistas na Irlanda, a animadora vitória dos oquistas sobre os franceses de Marrocos, o triunfo difícil dos atletas lisboetas em Madrid e, coroamento supremo, a conquista prestigiosa do campeonato mundial de hoje em patins. Estes, os factos dominantes, a que poderemos acrescentar outros, que outrora nos satisfariam, como a honrosa exibição dos basquetebolistas em Espanha e dos «B» do futebol em Bordéus.

Completando esta série de resultados notáveis obtidos em competição, foi publicado no

«Diário do Governo» o ansiosamente esperado decreto que reduz as contribuições a pagar pelos espectáculos desportivos, e que vem ao encontro das mais justificadas aspirações do meio.

Todos estes acontecimentos se correlacionam numa causa comum, que, embora muitos o não confessem, todos em consciência reconhecem; a influência da acção orientadora e do apoio material dos Poderes Públicos, postos em prática por intermédio da Direcção Geral dos Desportos.

Os organismos dirigentes cumpridores da sua missão sentem-se escorados com firmeza; muitas iniciativas outrora impossíveis tornaram-se realidades porque o Estado, no momento propício, contribuiu com o subsídio necessário à sua execução. A lista é longa e complexa, mas seria altamente significativa a sua apresentação, porque a totalidade de verbas concedidas nestes últimos três anos ultrapassa seguramente os dois milhares de contos.

Internacionalizaram-se assim diversas modalidades desportivas nas quais demonstramos reais possibilidades; aperfeiçoou-se a preparação dos praticantes seleccionados e exerceu-se no meio geral a mais eficaz acção disciplinadora. E da summa destes factores resultou para o desporto português uma época aureolada de êxitos, com tal continuidade que não é de admitir efeitos de acaso, mas sim e apenas de ordenação superior consciente, de método e compreensão unânime.



FRANCE

Ministère des Travaux
Publics et des Transports

COMISSARIAT GÉNÉRAL AU TOURISME

Direction Portugal

68, Rua de S. Domingos à Lapa — LISBOA

DESLIZE NAS BELAS
ESTRADAS FRANCESAS

Natação

Indiscutivelmente brilhante, esta regularíssima vitória de Belmiro Santos nos 1.500 metros do A. N. L., disputados no domingo último entre os depósitos da «Vacuum» e a Praça do Império.

Poucas vezes um nadador terá vencido, simultaneamente, com tanta autoridade e com tanta naturalidade. Mais de que os quarenta metros de avança com que chegou sobre o segundo, na actuação de Belmiro Santos há, sobretudo, que pôr em relevo o seu admirável estilo e a quase mecânica exatidão do seu ritmo.

J. renias Simão — que é um «sprinter» — obteve um merecido «grand» posto. Luís Soares de Oliveira revelou-se um bom elemento para provas de velocidade prolongada. Vítor Lopes, Álvaro Parracho e António Pinto Martins, dentro das suas características e possibilidades habituais.

Uma referência para um «veterano» do Nacional de Natação, Manuel de Fonseca, sétimo chegado, depois de prova corajosa. É uma referência, também, ao desportivismo revelado pelo turma de Pedroços — António Ramires, Cristiano Cruz e Manuel L-zinho — que, acima de tudo, quis marcar presença.

Em resumo: bela prova de propaganda, cuja organização se sintetiza numa palavra: impecável.

A taça «Solenry», no S. A. D.

Três recordes melhorados, um estabelecido e um igualado, tal é o consolador balanço das provas complementares desse interessante festival reservado a nadadores infantis, em que esteve em disputa a taça «Solenry».

Os primeiros apleaus foram para uma senhora — Maria Fernanda Cunha — que fixou em 1 m. 50,8 s. o novo recorde dos 100 metros-brasos iniciados.

Fernanda Goia, Rita Brana, Maria do Rosário e Luiza Araújo deram o melhor do seu esforço na queda do recorde dos 4x100 metros-livres, principiantes, que fixaram em 7 m. 48,8 s.

Outra turma valorosa: a dos rapazes, que fixaram em 11 m. 25,5 s., o recorde dos 4x200 metros-livres, principiantes (Patróni, Alfredo Rodrigues, Manuel Ricciardi e Jaime Moniz).

Os mais novos lutaram com o entusiasmo habitual: Eduardo Marta Brabeiro, Faria Bichinho e Fernando Madeira melhoraram de 4 m. 16,5 s. para 4 m. 15,8 s. o recorde dos 3x100 metros-livres, iniciados.

O menos feliz, a despeito de ter obtido um magnífico resultado, foi o «principiante» Franco do Vale, que igualou o seu próprio recorde de 100 metros-costas: 1 m. 17,1 s.

As provas propriamente incluídas no troféu «Solenry» constituíram excelente espectáculo. Os infantis deram boa conta de si, distinguindo-se, principalmente, Manuel Marta Brabeiro e Ezequiel Neves — vencedores das provas iniciais.

Abreu Torres

Stadium na Capital do Norte

MOSAICOS nortenhos...

OS PORTUENSES também vibraram com o boa vitória da selecção portuguesa de aquél em palins. Nos últimos dias, nos habituais centros desportivos, comentou-se com entusiasmo a nossa vitória e o trabalho dos nossos jogadores. Aplaudiu-se com entusiasmo, a despeito de não ter sido incluído no grupo campeão o portuense Manuel Soares.

◆ VENCERAM os jogadores do F. C. do Porto em Olhão contra adversário rijo e que procura sempre a melhor finalidade contra os campeões nortenhos.

Este resultado agradou muito e confirma as possibilidades dos azuis brancos. É a quarta vitória «fora de casa» e isso merece louvor.

◆ TAMBÉM o Boavista obteve bom êxito contra o Belenenses — lento como o F. C. do Porto quando de visita dos azuis de Lisboa. Os segundos do Porto esfaletam-se dos últimos lugares, e por certo podem aclear neste altura com alguma serenidade.

Antes assim. O exemplo do ano findo foi benéfico...

◆ DESTA VEZ os ciclistas portuenses não puderam impor-se. Fernando Moreira não se apresentou nas suas melhores condições físicas e Dias dos Santos, embora bem preparado, não foi feliz. Cumpriram o mais possível com as suas obrigações — mas sem boa classificação. Para outra vez será...

◆ SZABO mostra-se satisfeito com o trabalho dos seus homens. Disseram-nos: «Apenas aqui e além será preciso mexer. O grupo não pôde classificar-se melhor, mas por lhe faltar, inesperadamente, Gomes do Costa e Correia Dias».

◆ LEMBRA-SE um jantar-reunião entre os dirigentes do F. C. do Porto. É novamente campeão de ideias o conhecido desportista José Dones. Julgamo-la excelente. Os azuis brancos estão desunidos de certo modo e precisam bem de se ligarem mais à sua colectividade.

Na última assembleia geral ouviu-se com muito prazer o que sobre o assunto disse o dr. Angelo César. Todos, como uma só voz, se deitam a aplausos francos e sinceros. Porque não há-de ser assim como deseja o dr. Angelo César, figura do melhor prestígio na velha colectividade?

◆ O ANDEBOL não está afortunado. O campeonato nacional ainda não começou no Porto por causa de uma justa reclamação do Vilanovense. Desta vez o Vigoroso e o F. C. do Porto estiverem de acordo... Enfim: no Porto, o andebol acabou com a crise dos

Um Palácio dos Desportos

A inauguração, em Lisboa, do Palácio dos Desportos, lembra-nos mais uma vez outra velha aspiração dos desportistas do Porto: — o Palácio dos Desportos. E alguém nos lembra que obra igual, ou ainda melhor, se for possível, poderia fazer-se nesta cidade, no Palácio de Cristal.

Talvez o aqui em palins, por exemplo, se desenvolvesse também na capital do Norte. Como o pugilismo, o basquetebol e o voleibol. Certo, certo, o Porto carece de dinamismo no campo dos desportos, e para isso lutam todos os portuenses activos.

Agora se pôde ver, por exemplo, que os desportistas lisboetas vibraram com o campeonato do Mundo e da Europa de aqui em palins. Pois a gente do Porto, que admira atletas e sabe corresponder a todas as organizações, também seria capaz de cumprir e de demonstrar o seu gosto por espectáculos desta natureza.

O aqui em palins, no Porto, é apreciado por muitos. Falta, simplesmente, um ou dois clubes rivais, com certeza um grupo com o prestígio do F. C. do Porto. Se tal suceder, teremos o habitual entusiasmo, e talvez as lutas Porto-Lisboa, tão necessárias, ganhem outro equilíbrio.

Voltemos os olhos, portanto, para o Palácio dos Desportos. No Palácio? Seria sem dúvida o ideal. A Câmara de Lisboa não se perturbou com a dificuldade aparentemente intransponível, e oferece ao desporto um belo recinto. Parece-nos que tanto se pode fazer no Porto, dando ao mesmo tempo um pouco mais de vida ao isolado recinto da Rua do Triunfo. Bem se sabe que nem todos os dias há provas desportivas com a categoria do campeonato do Mundo de aqui em palins. Mas pode evolucionar-se a tal ponto que já não surpreenda a boa obra agora defendida e lembrada.

Porto clube e Porto cidade

ASSIM vimos o problema do F. C. do Porto. Só unido-se todos os sócios em volta da colectividade poderá conseguir-se o que tanto é desejado na capital do Norte: — o Estádio. A última assembleia geral serviu à maravilha para fazer compreender que a existência de «grupos» não beneficia a aspiração máxima do clube. Os associados, mesmo os mais irrequietos, aplaudiram palavras de fé nos destinos do F. C. P., e o discurso do

dirigentes, mas deu princípio a outra crise mais aborrecida: — o crise lénica.

◆ FALA-SE de atletismo, mas, a não ser um ou outro treino, provas «entre-sócios ou simpaliantes», nada mais se tem feito. Para uma cidade que pede o encontro internacional Portugal-Espanha, é com certeza pouco.

◆ CAIADO deixou de ser escolhido para suplente da equipa nacional de futebol. Talvez que a culpa lhe pertença. O jogador do Boavista, com admiráveis qualidades, nem sempre procure corresponder e não pode queixar-se. Só há um culpado: — ele próprio.

dr. César Bonito, presidente da Direcção, soube expor criticamente e marcha dos casos mais ligados à vida do clube.

Insistiu o dr. César Bonito em abandonar o cargo, como todos os seus camaradas. E insistiram também alguns prestigiosos sócios pela permanência dos actuais gerentes, numa atitude louvável, digno de todos os aplausos.

Como pensar o contrário? O F. C. do Porto alimenta projectos dignos de ser seguidos e só assim, dando o necessário apoio, poderá vingar a obra que tanto tem perambulado ao ambiente. O terreno onde deverá construir-se o campo está agora definitivamente indicado. O proprietário recebeu o sinal respectivo, e nova importância deverá entregar-lhe o clube dentro de pouco tempo.

Logo, dando-se as mãos devotadamente, como aconteceu na última reunião, chegar-se-á com certeza ao fim de uma campanha tão necessária à vida do desporto portuense. Porque, é bom repetir, afirmar sempre, o Porto-clube passe para outro âmbito de assiner: — Porto-cidade. É por este lado que vemos este question, e é por isso que se tem batalhado aqui.

VASCO SANTANA

desconfia:

...só com água quente!?

e exclama:

DELICIOSO!



ACABOU-SE O ANTIQUADO SACO DE CAFÉ!

Nestlé descobriu o processo que permite preparar instantaneamente um delicioso café, com todo o seu aroma, forte ou fraco, exactamente conforme o gosto de cada um. Para tanto bastam:

UMA COLHER DE NESCAFÉ
ÁGUA BEM QUENTE
E EIS O SEU CAFÉ PRONTO



SE PREFERE CAFÉ COM LEITE BASTA JUNTAR UM POUCO DE LEITE CONDENSADO



Stadium